

LEIA AGORA

Notícias que marcaram o mês



Brasil

No Sertão de Pernambuco, 56,25% das barragens estão em colapso – Reservatórios abastecem 56 cidades; região enfrenta pior seca em 60 anos. A previsão para os próximos cinco meses é de manutenção da estiagem no Sertão, já que o período chuvoso na região ocorre entre os meses de janeiro e maio.

5 ago. 2013

[G1]

Dilma Rousseff: Bolsa Pódio prepara atletas brasileiros para as Olimpíadas – “No total, vamos oferecer 160 bolsas Pódio para os atletas olímpicos e paraolímpicos, e começamos com 44 atletas paraolímpicos. Eles foram selecionados graças ao excelente desempenho que tiveram em competições mundiais”, enfatizou a presidenta.

5 ago. 2013

[Agência Brasil]

Desistência no curso de engenharia coloca em risco desenvolvimento do País – Os principais problemas que levam à evasão são a deficiência em matemática e física, o valor das mensalidades, a falta de experiências práticas durante o curso, além da escolha prematura do tipo de especialização.

5 ago. 2013

[R7]

Meia entrada: artistas vencem estudantes – A partir de fevereiro de 2014, venda de ingressos pela metade do preço para estudantes em eventos será limitada a 40% das entradas disponíveis. Quando a cota for atingida, todos pagarão o valor integral.

5 ago. 2013

[Carta Capital]

Internacional

Hospital das Cruzadas com cerca de mil anos é descoberto em Jerusalém – Arqueólogos descobriram na Cidade Velha de Jerusalém uma estrutura de grandes dimensões que pertencia a um hospital do período das Cruzadas, há mil anos. O local era muito movimentado e abrigava até 2 mil pacientes.

5 ago. 2013

[EFE]

Evo Morales: países da América Latina devem trabalhar juntos – Morales discursou durante o encerramento do Foro São Paulo. “Se queremos mudar o mundo, temos que começar a mudar a gente e para mudar temos que nos descolonizar do fascismo, do racismo, do mercantilismo e do luxo. Juntos”, disse.

4 ago. 2013

[Agência Brasil]

EUA manterão embaixadas fechadas no Oriente Médio após ameaça da Al Qaeda – A decisão do governo americano aconteceu depois de uma suposta interceptação de mensagens da Al Qaeda. Uma autoridade americana disse que a ameaça poderia estar relacionada ao Ramadã.

5 ago. 2013

[BBC Brasil]

Estudo investiga possibilidade de pílula que substitui exercícios físicos – A maior preocupação é saber se uma pílula seria capaz de replicar os efeitos fisiológicos complexos dos exercícios físicos. O principal objetivo da pesquisa e de outras similares é o de ajudar quem não pode se exercitar, não quem se nega a fazê-lo.

3 ago. 2013

[Boa Forma]

Ciência

Cientistas produzem primeiro hambúrguer de laboratório – Pesquisadores holandeses usaram células retiradas de uma vaca para reconstituir os músculos da carne bovina, que foram combinados a outros ingredientes para fazer o hambúrguer. Os cientistas dizem que a tecnologia poderia ser uma forma sustentável para suprir a crescente demanda por carne.

5 ago. 2013

[BBC]

Vacina brasileira contra a Aids será testada em macacos – Com duração prevista de 24 meses, os experimentos têm o objetivo de encontrar o método de imunização mais eficaz para ser usado em humanos. Concluída essa fase, e se houver financiamento suficiente, poderão ter início os primeiros ensaios clínicos.

5 ago. 2013

[Agência Fapesp]

Todas as notícias foram adaptadas e todos os sites foram acessados em 5 ago. 2013.

Saúde

Mais Médicos vai mudar perfil da prática médica e beneficiar a população – Além de tornar a residência no SUS obrigatória, a proposta é que a residência nas cinco áreas prioritárias do SUS – que são cirurgia geral, ginecologia-obstetrícia, pediatria e medicina de família e comunidade – e mais a psiquiatria tenham o primeiro ano voltado para atenção primária, em urgência e emergência.

1 ago. 2013

[Agência Brasil]

O novo papa e a Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro

Papa conclama jovens a serem revolucionários

No encontro com os voluntários da Jornada Mundial da Juventude (JMJ), no Riocentro, o Papa Francisco falou por pouco mais de dez minutos e agradeceu o trabalho de todos. Em sua mensagem, pediu que os voluntários sejam revolucionários.

“Peço que vocês sejam revolucionários, peço para vocês irem contra a corrente, peço que se rebelem contra essa cultura do provisório. Tenho confiança em vocês em irem contra a corrente. Também tenham a coragem de ser felizes”, disse Francisco.

No início da cerimônia, um jovem brasileiro e uma polonesa agradeceram a presença do papa e a escolha de seus países para sediar a jornada. A Polônia irá sediar o próximo evento em 2016.

“Não podia regressar a Roma sem antes agradecer de modo pessoal e afetuoso cada um de vocês pelo trabalho com que ajudaram os milhares de peregrinos e os detalhes que ajudaram a fazer dessa Jornada Mundial da Juventude um espetáculo belíssimo”, disse. O papa chegou de helicóptero e entrou no pavilhão de papamóvel, sendo aplaudido pelos voluntários.

“Vocês provaram que a maior alegria é dar do que receber”, acrescentou. E lembrou que os jovens devem seguir seu caminho, de ter uma família ou o sacerdócio. “Cada um tem seu caminho. Alguns são chamados a ter família, com o sacramento do matrimônio. Há quem diga que hoje o casamento está fora de moda. Está fora de moda?”, perguntou o papa. E o público respondeu: não.

Ao final da cerimônia, o pontífice disse que todos podem contar com as orações dele, “pois sei que posso sempre contar com as orações de vocês”. Ele orou e abençoou os voluntários.

Akemi Nitahara. Agência Brasil, 28 jul. 2013. Disponível em: <<http://agenciabrasil.abc.com.br/noticia/2013-07-28/papa-conclama-jovens-serem-revolucionarios>>. Acesso em: 5 ago. 2013.

A revolução do papa

A Jornada Mundial da Juventude foi o maior fenômeno de massas da nossa história. [...] O que se viu não foi uma Igreja acuada, na defensiva. Ao contrário. [...] O papa é exigente. Sem dúvida. E os jovens vão atrás do seu discurso comprometedor. Não gostam de um cristianismo desidratado. A juventude abraça grandes bandeiras: a coerência com a fé, a rebelião dos valores, a luta contra as discriminações, a defesa da vida, o combate à corrupção. Quem não perceber essa virada comportamental perderá conexão com o novo mundo [...].

Carlos Alberto di Franco. *Estadão*, 05 ago. 2013. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,a-revolucao--do-papa-,1060644,0.htm>>. Acesso em: 5 ago. 2013. (Adapt.).

Nesta análise, nosso objetivo é perceber como é possível discorrer sobre um mesmo assunto fazendo uso de gêneros textuais diferentes e quais as ferramentas utilizadas em cada um deles.

O texto “Papa conclama jovens a serem revolucionários” trata-se de uma notícia de site, ou seja, tem como objetivo principal informar. Porém, é preciso reparar que, como a intenção desse primeiro artigo é contar informações sobre uma mensagem deixada pelo Papa Francisco aos fiéis que acompanharam sua passagem pelo Brasil na Jornada Mundial da Juventude, um recurso usado no texto foi a citação: pelo menos cinco trechos do discurso proclamado pelo pontífice foram transcritos para a notícia como forma de exemplificar e sustentar as informações passadas.

Na produção textual, esse tipo de citação, em que se reproduz exatamente a fala de alguém ou um trecho de algum texto de terceiro, normalmente colocando-o entre aspas, é chamada de **citação direta** e costuma ser frequente em textos jornalísticos, dissertativos e afins, quando se tem uma fonte concreta. Existem também as

citações indiretas, que não reproduzem exatamente uma frase de um terceiro, mas sim discorrem, com as próprias palavras do autor do texto em construção, sobre as ideias mencionadas por outrem.

Podemos observar que, no artigo “A revolução do papa”, por exemplo, que tem caráter predominantemente opinativo, o autor também comenta sobre o discurso de Francisco, porém, de maneira indireta, explicando e opinando sobre o próprio caráter e efeito das palavras proferidas pelo líder da Igreja Católica.

Outra ferramenta interessante utilizada pelo autor do segundo artigo é o tom instigante adotado para comentar sobre a Jornada Mundial da Juventude e seus desdobramentos: ao observar as palavras propostas no texto, o leitor se sente convidado a refletir sobre o evento e as mudanças por ele propostas, afinal o autor já anuncia que “Quem não perceber essa virada comportamental perderá conexão com o novo mundo”.

Tanto as ferramentas utilizadas pelo autor do texto informativo quanto as adotadas no artigo opinativo podem ser usadas, em conjunto, como modelo para a produção de redações dissertativas nos vestibulares. Isso porque a dissertação se caracteriza como uma produção textual argumentativa, que precisa se basear em fatos, informações, mas que, ao mesmo tempo, busca discutir um assunto diante de um ponto de vista determinado pelo autor. Aproveite a inspiração e pratique: desenvolva uma dissertação sobre o evento da Jornada Mundial da Juventude, suas polêmicas e seus resultados.

Editorial

CONTEXTO

fatos e interpretações

O Egito e os rumos da Primavera Árabe

Desde 2011, diversos levantes, de maioria popular, têm provocado consideráveis alterações no cenário do Norte da África e Oriente Médio. Tais levantes ficaram conhecidos como Primavera Árabe. Na Tunísia – onde as manifestações tiveram início – no Egito, no Iêmen e na Líbia, os governos foram derrubados ainda em 2011. Na Síria, a repressão contra as manifestações levou o país a caminhar para uma sangrenta guerra civil entre sunitas e alaúitas cujo desfecho ainda é incerto. Os oito reinados – ou emirados – do mundo árabe (Bahrein, Emirados Árabes Unidos, Marrocos, Catar, Omã e Arábia Saudita) sobreviveram às turbulências da Primavera Árabe.

Em monarquias como a do Marrocos e a da Jordânia, os governos fizeram algumas concessões políticas (como, por exemplo, a troca de governantes regionais ou primeiros-ministros), que foram suficientes para abafar os protestos mais intensos. Outras monarquias, como a da Arábia Saudita e a do Barein, reprimiram os manifestantes além de distribuir benesses e conseguiram, assim, evitar que as revoltas se prolongassem. Nos territórios palestinos, a população protestou contra Israel e pela melhoria das condições de vida. No Iraque, as manifestações também se voltaram para a questão do emprego e da segurança. Atualmente, muitos dizem que a Primavera acabou ou que teríamos entrado num suposto "inverno árabe". Entretanto, levando-se em consideração a quantidade de forças em jogo e a complexidade da região, qualquer conclusão nesse sentido é precipitada e pretenciosa; em outras palavras, sustenta-se aqui que os rumos da Primavera Árabe, no momento, são absolutamente incertos. Para pensar essa questão vamos analisar, então, o processo histórico do mais populoso país do mundo árabe, o Egito.

Quando fala-se em Primavera Árabe no Egito, fala-se na luta de um povo contra milênios de despotismo. Após a era áurea dos faraós, em 525 a.C., o Egito antigo foi conquistado pelo rei persa Cambises e passou, em seguida, por um período de decadência e sucessivas conquistas. O país tornou-se independente da Inglaterra de forma negociada e gradual, entre 1922 e 1933. Em 1952, o movimento dos chamados Oficiais Livres derrubou a monarquia pró-britânica do Rei Farouk.

Após uma breve transição, o carismático líder Gamal Abdel Nasser assumiu o governo em 1954 e, oficialmente em 1956, iniciou uma ditadura nacionalista que buscou unir os povos árabes (pan-arabismo). No contexto da Guerra Fria, ele aproveitou para aproximar-se da antiga União Soviética. Em 26 de julho de 1956, mostrando seu alinhamento com a URSS, Nasser nacionalizou a companhia do canal de Suez (que liga o Mar Vermelho ao Mar Mediterrâneo). Em represália, os bens egípcios foram congelados e a ajuda alimentar suprimida. Após conflitos com Israel, França e Reino Unido, a ONU confirmou a legitimidade egípcia. O governo de Nasser, apesar de autoritário, foi bastante popular e também marcado pelo fato de ter sido derrotado por Israel em 1967, na Guerra dos Seis Dias, quando os israelitas tomaram dos egípcios a Península do Sinai e a Faixa de Gaza. Ao morrer, em 1970, Nasser foi sucedido por outro militar, Muhammad Anwar Al Sadat.

O governo de Sadat marcou uma mudança fundamental: após derrotas no campo de batalha (Guerra do Yom Kippur), o governante fez as pazes com Israel, recuperou a península do Sinai – por meio do Acordo de Camp David – e aproximou-se dos EUA. Ao abrir a economia para os norte-americanos, conseguiu um auxílio militar de 1,3 bilhões de dólares. Tais medidas levaram um grupo extremista a praticar o atentado que culminou com a morte do ditador em 1981.

Seu sucessor foi Hosni Mubarak, líder extremamente centralizador, que se comparava aos antigos faraós. Mubarak buscou a manutenção da forte aliança com os EUA e da paz com Israel. Sob seu governo, o Egito tornou-se o segundo maior recipiente de assistência norte-americana, depois de Israel, com um total de US\$ 2 bilhões ao ano. Internamente, fortaleceu o exército, a Força Nacional, que passou a ter 1,4 milhões de pessoas, e, com isso, praticou a repressão contra opositores e grupos religiosos radicais. Algo em torno de US\$ 1,5 bilhões são fornecidos por ano dos Estados Unidos para as Forças Armadas do Egito.

O Egito permaneceu 30 anos em estado de emergência. Entre os grupos perseguidos estava a Irmandade Muçulmana (IM), criada em 1928 por um professor secundarista que visava recuperar a dignidade dos árabes e muçulmanos com um islamismo mais próximo a seus valores fundamentais e que criticava

a aliança de Mubarak com os Estados Unidos e Israel. A Irmandade Muçulmana é representante de um movimento que poderia ser mais precisamente definido em português como "Islã político". É um tipo de pensamento surgido no século XX, em meio à independência dos países árabes (décadas de 1940-1960), segundo o qual "a religião é um sistema que poderia resolver qualquer problema político, econômico ou social criado pela modernização". A Irmandade cresceu e se ramificou para quase todos os países do mundo árabe, desenvolvendo amplos programas sociais, como creches, campanhas de alfabetização, escolas etc., que lhe garantem, até hoje, enorme popularidade. Seu lema é: "Alá é nosso objetivo, o Corão é nossa Constituição, o Profeta é nosso líder e a morte em nome de Alá é nossa aspiração máxima".

Do ponto de vista econômico, de 2000 a 2007, o Egito cresceu em média 5,3% ao ano, crescimento possibilitado, especialmente, pela venda de companhias estatais. Entretanto, como na Tunísia, tais médias não eram sentidas por parcelas significativas da população – 20% dos egípcios viviam abaixo da linha da pobreza, 7% das crianças egípcias estavam desnutridas, 50% das casas não tinham saneamento básico, 35% dos habitantes eram analfabetos e, para completar, 850 mil universitários não encontravam lugar no mercado de trabalho.

Os protestos contra Mubarak ocorriam frequentemente. Em 2011, quando Mubarak já estava com mais de 80 anos, sob influência da revolução tunisiana e vivendo em uma forte crise econômica, a população tomou as ruas em protesto a partir de 25 de janeiro. A praça Tahrir (em tradução literal, Praça da Libertação), no centro do Cairo, tornou-se o palco das principais manifestações, ponto de encontro marcado nos eventos criados pelo Facebook. O governo tentou, sem sucesso, bloquear a internet e respondeu às manifestações com cassetetes e gás lacrimogêneo. A Irmandade Muçulmana, por sua vez, movimentou seus membros. No caso egípcio, o exército recusou-se a atacar a população, pois o Conselho Supremo das Forças Armadas (Scaf, na sigla em inglês) havia declarado que "jurava proteger as demandas da população". As Forças Armadas, mesmo atuando junto com Mubarak, gozavam de grande prestígio perante o povo. Isso possibilitou a queda de Mubarak em 11 de fevereiro de 2011, evitando o conflito prolongado.

Com a saída do ditador, as Forças Armadas assumiram o poder e estabeleceram para si mesmas o título de protetoras das leis do país, responsáveis pelos descontos de impostos e pelos aumentos de verbas. Muitos que protestaram, insatisfeitos com as Forças Armadas, foram presos. Assim, no Egito, os militares dirigem um bom número de empresas e negócios sobre os quais não prestam contas e têm outros tipos de fundos discricionários e fluxos de renda, os quais querem manter não transparentes para os civis. De qualquer forma, após um ano de transição, em junho de 2012, o país realizou eleições parlamentares e presidenciais. O novo presidente – primeiro democraticamente eleito em toda a longuíssima história do Egito –, Mohamed Mursi, com o lema “o Islã é a solução”, é de um grupo religioso e apoiado pela Irmandade Muçulmana (cujo partido chama-se Partido da Liberdade e da Justiça), que formou a mais organizada oposição a Mubarak.

Em 22 de novembro de 2012, Mursi emitiu um decreto que ampliou seus poderes. Chegou a decretar estado de emergência e toque de recolher em algumas províncias. A cúpula das Forças Armadas foi demitida (70% dos generais foram obrigados a se aposentar), e o exército perdeu os privilégios que havia dado para si mesmo. Mursi colocou a Comissão encarregada de redigir a nova constituição do país sob proteção de qualquer ação legal até que ela entrasse em vigor. Passou a ter poderes ilimitados, o que gerou inúmeros protestos no Cairo e enfrentamento entre grupos. Paralelamente, a economia piorou nesse período. O turismo, que emprega 11% da população, ainda não se recuperou da queda de 70% que teve, em 2011, com os protestos contra Mubarak. O desemprego é 18%, em geral, e 46,4% entre os jovens de 20 a 24 anos, já a dívida externa beira os 40 bilhões de dólares.

Novos protestos da oposição e da população se espalharam e se avolumaram pelo país, acirrando as divisões internas e culminando com forças nas ruas que exigiam a renúncia do presidente e com um ultimato militar. Os protestos eram liderados pelo grupo Tamarod (“rebelião”), formado por ativistas de diversas inclinações ideológicas. Na terça, dia 2 de julho, calculou-se 30 milhões de egípcios nas ruas, um dos maiores protestos da história da humanidade. Isso significa que quase 40% de toda a população exigia o fim de um governo que havia virado as costas para o povo.

Os protestos levaram os militares, liderados pelo general Abdul Fattahel-Sisi, a advertir o presidente Mursi, no dia 1º de julho, de que iriam intervir e impor o seu próprio caminho, caso ele não atendesse às demandas populares dentro de 48 horas e pusesse fim à

crise política. O prazo expirou em 3 de julho, e os militares anunciaram a queda de Mursi e um plano de transição de poder que previa eleições parlamentares e presidenciais. Mursi foi preso sob a alegação de, em conjunto com o grupo palestino, atear fogo a uma prisão, permitindo a fuga de prisioneiros, incluindo ele mesmo – libertado de um presídio no Cairo em janeiro de 2011 – e matar de forma premeditada policiais, soldados e prisioneiros. Com a deposição, o presidente do supremo tribunal da Corte Constitucional, Adly Mansour, tornou-se temporariamente o novo chefe do governo. Após o acontecimento, cinco redes de tevê islamitas foram fechadas, assim como publicações da Irmandade Muçulmana e da Al Jazeera.

Alguns chamaram o acontecimento de “golpe militar”, ao passo que outros chamaram de “Segunda Revolução”. Dentro e fora do Egito, as opiniões são absolutamente conflitantes sobre o ocorrido. Muitos lembram que o partido Al-Nour, ligado aos sauditas e muito mais conservador e radical que a Irmandade Muçulmana, apoiou o golpe. As monarquias da Arábia Saudita, Kuwait e Emirados Árabes também apoiaram o golpe, com contribuição de 12 bilhões de dólares, provavelmente no intuito de financiar um governo que seja oposto ao Irã.

A instabilidade prosseguiu e confrontos entre militantes islâmicos e forças de segurança deixaram mortos e feridos em vários pontos do país. O economista liberal Hazem-Beblawi, ex-ministro de economia, foi nomeado premiê interino, em meio a novos protestos de islamitas. Já o Prêmio Nobel da Paz Mohamed El Baradei, um dos líderes da oposição a Mursi, tomou posse como vice-presidente encarregado das relações internacionais. Atualmente, desenvolvem-se conflitos entre os partidários e opositores de Mursi, deixando vários feridos e, até agora, mais de 300 mortos. Opositores egípcios têm sido sistematicamente mortos pelo governo militar. Tanto a Irmandade Muçulmana quanto a Al Qaeda se opuseram à deposição de Mursi, e muitos analistas apontam para um risco de radicalização no país devido à queda do presidente.

Daniel Gomes

Professor de História, Sociologia e Atualidades
do Sistema de Ensino Poliedro

TOQUE DE ESPECIALISTA

Linguagens, Códigos e suas Tecnologias

A internet e as manifestações populares

É cada vez mais evidente o poder de comunicação da internet em nossas vidas. Assim como nas manifestações populares ocorridas no Egito,

no Brasil, as redes sociais também foram usadas como meio de divulgação e organização de movimentos contra o governo. A tendência de vivermos em um mundo cada vez mais conectado, ao mesmo tempo em que nos encanta pelas inúmeras facilidades que podemos ter, nos assusta pela falta de uma perspectiva sobre como seremos capazes de lidar com tanta informação. Por um lado, sabemos que, na conjuntura político-econômica atual (por méritos que não convém explicar agora), a difusão de qualquer ideia ou informação é inevitável; por outro lado, sabemos também que a noção de vida privada, tal como era anos atrás, está entrando em certo processo de extinção, ou no mínimo, de reconfiguração.

Se pensarmos em um passado nem tão distante assim, a forma mais eficaz de falar com alguém distante era por meio das cartas. Nesse tipo de comunicação, há a necessidade de que exista um “atravessador”, alguém que fará a ponte (um mensageiro, ou o sistema de correio, por exemplo) entre o emissor e o receptor. É um modo eficiente de se comunicar e que sobreviveu por muitos séculos, porém, é lento, principalmente depois que aprendemos a usar ondas de rádio para esse fim. Usando as ondas, eliminamos a necessidade de um “atravessador”, e uma mensagem que demoraria meses para chegar do outro lado do mundo pode chegar em minutos.

E, se hoje os meios técnicos mudaram, a ideia continua a mesma: enviamos a alguém uma mensagem e recebemos uma resposta de volta; e quanto mais rápido somos capazes de enviar e receber uma mensagem, mais próximos estamos dos nossos interlocutores. Se a tendência com o uso das ondas era de uma comunicação sempre mais veloz, a internet surgiu nesse contexto de inovações, trazendo as redes sociais, que adicionaram o elemento da instantaneidade à comunicação cotidiana: antes, por exemplo, precisávamos marcar encontros com os amigos para mostrar as fotos de uma viagem, hoje, no momento em que a foto é tirada, já pode ser colocada on-line (e por isso repensamos tanto o conceito de privacidade).

Atestamos o poder dessas redes em diversas manifestações sociais nesses primeiros anos do século XXI, e, se você acompanhou os jornais e/ou participou dessas manifestações, elas falam por si. Tudo o que sabemos é que ainda há muito a evoluir, pois as redes podem ser sim um ótimo instrumento de reivindicações, mas, da mesma forma, podem ser um instrumento de repressão e de alienação, por parte tanto de governos como de grupos da sociedade. A dica é sempre se manter informado com o maior número de fontes possíveis e saber usar o poder das redes para estar atento a tudo o que acontece.

Carlos Eduardo de Freitas
Editor Especialista de Linguagens do
Sistema de Ensino Poliedro.

ESPAÇO LITERÁRIO

Seta de Cupido

*Oh! Sinto no peito um ardor!
Sinto a alma sobressaltada
Como uma chama imaculada,
Incapaz de se recompor.*

*O coração retoca a dor.
Aviva a alma chamuscada;
Faz minha vida ganhar cor;
O amor revela sua morada.*

*Sinto o desabrochar da flor.
Não hei de apreciar assim nada.
Beijo-a. A alma flama em louvor.*

*Que belo golpe de cupido!
Foi sua seta que criou o amor.
Fez o rijo laço esculpido.*



Matheus Costa de Oliveira

O autor é aluno do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Poliedro – São José dos Campos.

“Espaço Literário” é a seção* de literatura do *Leia Agora* e queremos dividi-la com você, nosso leitor, como uma forma de estimular sua participação, além de divulgar e descobrir novos talentos. Se você tem um poema, um texto, um pequeno conto ou um desenho inédito que gostaria de compartilhar, envie para editora@sistemapoliedro.com.br, indicando o seu nome, sua idade, a Unidade Parceira e sua cidade. A sua composição poderá estar nas próximas edições! Participe!

*A Editora Poliedro não realiza a edição dos textos veiculados nesta seção, respeitando, assim, a liberdade de criação do(a) autor(a) integralmente.

Editorial

Supervisão Editorial: Sandra Castro
Edição: Anaiza Castellani Selingardi e Livia Scherrer dos Santos
Textos: Anaiza Castellani Selingardi
Projeto gráfico: Antonio Domingues

Diagramação: Carolina Paiva Seidl
Ilustração: Marcelo Marcondes do Nascimento
Revisão: Tamires Fonseca